

Elizabeth R. Azevedo (org.)

CLÓVIS GARCIA - CENTENÁRIO DE UM HOMEM DE TEATRO

ISBN 978-65-88640-58-6
DOI: 10.11606/9786588640586

São Paulo
ECA -USP
2021

Organização: Elizabeth R. Azevedo

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Revisão de texto: Isabel Fernandes e Anna Carolina G. de Souza

Capa: Maria Eduarda Borges

Foto da Capa: Clóvis Garcia em sua sala no recém-inaugurado edifício do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP, década de 1970. Fonte: Acervo Centro de Documentação Teatral ECA/USP.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C647 Clóvis Garcia [recurso eletrônico] : centenário de um homem de teatro / organização Elizabeth R. Azevedo. -- São Paulo : ECA-USP, 2021.
PDF (225 p.) – (PPGAC ECA USP 40 anos ; 5).

ISBN 978-65-88640-58-6
DOI:10.11606/9786588640586

1. Garcia, Clóvis, 1921-2012. 2. Teatro - Brasil. 3. Teatro – Estudo e ensino - Brasil. 3. Teatro amador – Brasil. 4. Cenografia. 5. Figurino. I. Azevedo, Elizabeth R. II. Série.

CDD 22. ed. – 792.0981

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no *CLÓVIS GARCIA - CENTENÁRIO DE UM HOMEM DE TEATRO*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Elizabeth R. Azevedo que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes
Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli
Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro
Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária CEP-05508-020

O PROFESSOR EMÉRITO DR. CLÓVIS GARCIA

Eduardo Tessari Coutinho

Ao começar a escrita deste texto muitas lembranças relacionadas ao Clóvis me invadem. A minha relação com ele teve interferências profundas na minha vida, tanto pessoal quanto profissional. Aqui trato apenas do aspecto e fatos profissionais, mas, desde sempre, agradeço a sua influência decisiva na minha vida pessoal. Por isso, é um texto no formato afetivo sobre a minha experiência na relação com ele e o que consegui apreender e refletir. Como não posso escrever sobre o que não ouvi ou li, escrevo um pouco da sua influência na minha vida profissional e, a partir do que dele ficou em mim, das suas ideias.

O professor Clóvis revelava os seus valores nas suas atitudes cotidianas. Ele fez a sua graduação na Faculdade de Direito, na USP, junto com Paulo Autran, com quem montou um escritório de advocacia assim que saíram da faculdade, mas que abandonou 1 mês depois, por ter perdido uma ação de maneira “vergonhosa”. Além de professor, foi ator do TBC, antes deste se profissionalizar, diretor, cenógrafo, figurinista e crítico teatral. Participou do grupo que criou o Departamento de Artes Cênicas e o Programa de Pós-Graduação.

Por sua formação em Direito, e tendo se aposentado como procurador, sabia como lidar com a parte burocrática da universidade muito bem. Todo o grupo de professores do departamento recorria a ele quando a questão burocrática era importante. Com isso, literalmente protegia e ampliava o espaço das Artes, em especial das Artes Cênicas, dentro da academia. Quando um assunto era complicado na relação do departamento com a ECA ou com a USP, ele escrevia os pareceres, às vezes ia à reunião mesmo não sendo de seu cargo, para contribuir. Ou mesmo ajudava a fazer o parecer, discutia o assunto, ajudando o nosso representante a estar bem preparado. E, para isso, usava até seus conhecimentos das leis gerais, da constituição, sempre na defesa do departamento, da ECA e, conseqüentemente, da USP.

Uma vez me contou que, em uma reunião da Congregação da ECA, teve que recorrer à constituição do Brasil para barrar uma proposta bizarra que atingia o espaço

das artes. Ele pediu a palavra para ponderar sobre a proposta, mas não foi sequer ouvido. Quando conseguiu retomar a palavra, fez uma reflexão mostrando como aquela proposta feria a nossa constituição no artigo x, inciso y, e que seria melhor pensar com calma naquela proposta. Por ser ele a falar, todos aceitaram.

Outro valor que ele trazia era a diversidade. Quando nos encontrávamos, os seus orientandos(as), era uma diversidade muito interessante de temas e pessoas. E nós conhecíamos uma característica do professor Clóvis: ele sempre dizia “não” ao nosso primeiro pedido, inclusive ao pedido para que ele nos aceitasse como orientandos(as). Apesar dessa característica, o professor Clóvis emprestava seus livros a qualquer docente ou discente, de graduação ou pós-graduação, que viesse pedir. Anotava o nome da pessoa e do seu livro em uma caderneta. Algumas pessoas que emprestaram os livros só devolveram depois de se formarem, outras nunca devolveram, mas ele nunca deixou de emprestar. E ele sabia exatamente o conteúdo de cada livro pedido e onde estava na estante da sua sala e, por vezes, indicava outro. Hoje esta biblioteca, batizada com o nome dele, está no departamento graças ao LIM-CAC, que organizou para que possamos usá-la. Esta biblioteca de teatro é mais uma herança que ele nos deixou.

Na área do teatro, o professor Clóvis era referência em duas áreas: do espaço cênico, em particular da cenografia, e na área da crítica teatral. Em seu livro *Clóvis Garcia: a crítica como ofício*¹, Carmelinda Guimarães escreve em sua abertura:

Entre tantos professores, foi sempre ele quem me indicou a forma de pleitear uma bolsa de estudos ou de chegar ao entendimento mais claro de uma questão teatral, quando algum autor ou professor me enredava nos caminhos complexos da semiologia do teatro. Ele clareava aquilo que parecia obscuro ou incompreensível, abria caminhos que pareciam intransponíveis. Anos mais tarde, [...] entendi que esta clareza pertence aos grandes críticos. Passei a admirar ainda mais a simplicidade de meu mestre e colega Clóvis Garcia. (GUIMARÃES, 2006, p.12)

Para que se tenha uma pequena ideia da generosidade deste mestre, conto como o conheci e como ele me orientou no mestrado e doutorado.

¹ GUIMARÃES, Carmelinda. *Clóvis Garcia: a crítica como ofício*. Coleção aplauso. Série teatro Brasil, coordenador geral Rubens Ewald Filho. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura - Fundação Padre Anchieta, 2006.

Tudo começa por ele me aceitar com ouvinte na sua disciplina Técnicas Psicodramáticas Aplicadas ao Ensino I. Reconheço que teve uma grande influência da profa. dra. Hercília Tavares de Miranda, da Faculdade de Educação da USP, que foi quem me levou para esta disciplina da pós-graduação. Ela pediu a minha permanência na disciplina, se valendo do respeito e do gostar que o Clóvis nutria por ela. Com o tempo de contato, ele me apresentou a alguns professores do Departamento, possibilitando que eu assistisse a outras aulas como ouvinte. Como, por exemplo, a disciplina de História do Teatro, na graduação, da profa. dra. Elza Cunha de Vincenzo, e a disciplina Commedia Dell'Arte, na pós-graduação, do prof. dr. José Eduardo Vendramini.

Assim começou a minha trajetória na academia das Artes Cênicas, já que havia feito graduação em Engenharia Civil na USP de São Carlos (lá fazia mímica na praça, nas passeatas, nas festas... além de balé, vários estilos, mas isso é outro assunto...).

Após três anos e meio prestei e entrei no mestrado sob a orientação do professor Clóvis Garcia, já que não havia outra pessoa interessada em me orientar, em função da temática ser Mímica. E isso só foi possível pela Hercília ser amiga do professor Clóvis. Ele me disse não e eu, por orientação dela, fiquei na aula. Pura sorte minha!

Essa atitude de me aceitar revela outra das características relevantes do professor Clóvis: a visão ampla e crítica sobre a academia. Se nós orientadores ficarmos apenas no nosso campo de conforto, como seria possível trazer para a academia os saberes que ainda não estão nela? Portanto, ele tinha este olhar sobre a necessidade da academia acolher as pesquisas que ainda não estavam dentro dela, em especial as de temáticas populares. Este era outro valor relevante para ele. Garcia questionava como se fazer arte brasileira sem conhecer os nossos saberes populares. Hoje em dia discute-se a necessidade de um pensamento decolonial² e ele já buscava isso, a seu modo, naquela época. Em função desse pensamento, orientava pesquisas em folclore e suas expressões cênicas, além de pesquisas como a minha em Mímica, arte que considero uma arte da rua, isto é, da família da arte popular.

O professor Clóvis também orientava pesquisas em psicodrama com visão pedagógica, no qual tinha formação, que traz o princípio do teatro para dentro da sala

² Decolonial, ou decolonialidade é considerado como o caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos pelo colonizador aos povos subalternizados.

de aula (não havia e não há a área de psicodrama no Instituto de Psicologia da USP, nem da Faculdade de Educação). Como a característica de orientar em várias áreas do conhecimento era e é pouco comum na academia, na qual a especialidade é um valor relevante, por vezes ser generalista não é devidamente reconhecido como positivo.

Reafirmo que coloco aqui reflexões que não ouvi do professor Clóvis, mas sobre o que reconheço em mim como acadêmico (professor, orientador e gestor) a partir do que observei, conversei, experenciei e herdei da nossa relação de orientando e orientador entre 1990 e 2000, e depois como colega de departamento.

Voltando à questão da sua orientação, vou contar como foi a minha, que talvez tenha sido a mais fora de seu universo de conhecimento, mas com certeza seguia os princípios gerais iguais às demais orientações. Após tantos anos como professor, orientador e pesquisador, o professor Clóvis nos orientava a como pesquisar, nos fazia entender no processo de pesquisa, na prática da pesquisa, o que a academia chama de rigor, mas com autonomia e cobrança do empenho e responsabilidade com um trabalho bem feito. Diferente de um orientador que conhece muito sobre um determinado assunto, que nos leva por um caminho já trilhado por ele para que possamos ir além, a orientação do professor Clóvis nos fazia compreender a pesquisa acadêmica, nos mostrava como deveríamos lidar com o conhecimento que havíamos adquirido na prática da vida artística e/ou pedagógica. Ele nos levava a tomar consciência de como organizar o conhecimento encarnado na nossa prática a partir dos instrumentos já desenvolvidos pela academia, isto é, como constituir um conhecimento partilhável e com rigor. Quer dizer, era o reconhecimento do fazer da(o) artesã(o), aqui entendido como o conhecimento adquirido por artista ou professor(a) na sua prática, como algo importante para a academia e, portanto, para a sociedade.

Quanto à minha pesquisa, ele me fez compreender como fazer uma pesquisa pessoal, cujas reflexões e resultados não servissem apenas para mim, mas que tivessem um caráter pedagógico, isto é, um impacto no outro e em uma parte do coletivo das artes da cena. Como disse, ele acreditava no conhecimento adquirido na prática da(o) artesã(o), no seu fazer, e que a academia poderia ajudá-la(o) a compreender seu próprio fazer, possibilitando uma escolha mais consciente da sua própria trajetória. Esta afirmação anterior não foi dita por ele, mas é claro no resultado em mim da sua orientação e na atitude dele (e na minha hoje) como orientador. Um

exemplo disso se deu quando, no meio do meu mestrado, uma amiga da Psicologia me disse que na área dela uma dissertação deveria trazer apenas o que os “outros” dizem, isto é, livros, artigos, entrevistas etc. Ao levar essa fala para um encontro de orientação, o professor Clóvis me disse: “Me interessou te orientar pelo o que você tem a dizer sobre o tema!” Então os capítulos da minha dissertação ficaram assim: *O que dizem os livros; O que dizem os artistas; O que eu digo.*

Mesmo a mímica não sendo da sua área de pesquisa, o professor Clóvis me ouvia atentamente na orientação, perguntava para entender melhor o que estava propondo, querendo, buscando e, ao final, me dizia qual seria uma possibilidade de organização acadêmica da minha pesquisa. Saía certo de que estava tudo resolvido na dissertação. Voltava a pesquisar e encontrava outras informações e questões, e tudo mudava. Voltava para a orientação e ele pacientemente ouvia tudo novamente e propunha uma nova organização. Mas, ao final, ele só aceitava ler o trabalho completo. Assim fui aprendendo o que era pesquisar. Foram cinco anos de mestrado nesse processo (na época tínhamos todo este tempo para fazer o mestrado).

Entre outras atitudes que revelavam o rigor e a ética na sua orientação, o professor Clóvis me mandava conversar sobre a minha pesquisa com outros orientadores, em particular com o prof. dr. Jacó Guinsburg, intelectual que tinha um vastíssimo conhecimento dos livros, por ler tudo que a sua editora (Perspectiva) publicava. Conversei com ele algumas vezes sobre a mímica e a arte da cena em geral. Dessas conversas, saíram algumas ideias, links e informações preciosas para a minha pesquisa. E ele, assim como o professor Clóvis, fazia com que eu me sentisse respeitado como pesquisador, a ponto de uma vez eu dizer que iria assistir a sua aula na graduação e o professor Jacó respondeu que me colocaria para dar a aula em seu lugar. Eu me assustei naquele momento e nunca fui. Outro exemplo desse respeito também ao conhecimento de quem faz, foi quando o professor Jacó me convidou para a banca de sua última orientação no nosso programa de pós, junto com o prof. dr. José Eduardo Vendramini. Nós dois fomos agraciados com muitos elogios públicos no início da banca. Para o professor Clóvis só havia o agradecimento pela partilha do professor Jacó, reflexo da parceria entre eles e da compreensão das suas limitações de conhecimento sobre o tema da minha pesquisa. Presenciei algumas conversas entre eles em que se evidenciava a amizade, o respeito, a admiração e o afeto mútuo.

No meu doutorado, apareceu outro desejo do professor Clóvis: que tivesse a prática como parte integrante da pesquisa, com um resultado cênico. Ele colocou essa premissa como condição para me aceitar no doutorado. Esse posicionamento era revolucionário dentro da academia naquele momento. O que se fazia enquanto pesquisa era uma tese teórica sobre um espetáculo. Algumas orientações começavam a aceitar que o estudo poderia ser de um espetáculo do próprio pesquisador, como foi o caso do meu colega na época, o prof. dr. Márcio Aurélio Pires de Almeida, que fez uma maravilhosa tese teórica sobre a sua direção a partir de um espetáculo teatral de seu grupo Cia. Razões Inversas³.

E o professor Clóvis, mesmo com perfil teórico na graduação, colocava a prática no processo de aprendizagem das suas disciplinas de pós-graduação. Nas aulas de As Concepções do Espaço Cênico, por exemplo, ele fazia com que os alunos fizessem uma grande montagem teatral usando o espaço da universidade, experimentando assim na prática as várias possibilidades de utilização do espaço da cena teatral. Nas disciplinas

Técnicas Psicodramáticas Aplicadas ao Ensino I, II e III, a metodologia de ensino era pela prática das técnicas psicodramáticas, pela vivência, usando o próprio psicodrama para aprender os seus conceitos. Aliás, esta disciplina atraía estudantes de outros programas de pós-graduação, inclusive de outras instituições de ensino. O professor Clóvis era um educador, com uma relação próxima à Faculdade de Educação da USP, como por exemplo, com a professora Hercília Tavares de Miranda.

Eu já havia feito o aprendizado básico de ser um pesquisador no mestrado e, portanto, no doutorado se exigia um salto de complexidade, de aprofundamento. E o professor Clóvis foi me guiando, problematizando e propondo formatos de escrita, já que não tínhamos referência de formato para uma pesquisa prática de doutorado, a experiência prática como parte integrante da pesquisa e de seu resultado. Por exemplo, quando propus que o capítulo principal fosse apenas em vídeo, ele não aceitou. Mas acertamos que, além do vídeo, eu deveria fazer uma transposição em imagem das partes específicas da pesquisa que estavam no vídeo. Resultou em mais uma inovação. A tese⁴ mostra em vídeo o antes e o depois da aplicação dos princípios desenvolvidos na pesquisa. Além disso, estes trechos são transcritos em tirinhas, como as de jornal,

³ Ver em: <https://repositorio.usp.br/item/000744976>

⁴ Ver em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27139/tde-07042016-170502/pt-br.php>

mostrando os movimentos dos atores⁵. Cada tira é seguida de uma descrição e uma reflexão, o que aprofundou e tornou mais didático o conteúdo da pesquisa.

Na defesa da minha tese, no seu momento final de fala como orientador, o professor Clóvis fez questão de afirmar a importância para a academia ter pesquisas práticas com resultados práticos e espetaculares. Mas a sua postura ética fazia com que ele também se colocasse quando a banca observava algo negativo. Esse foi no caso da defesa do mestrado de Rosane Rodrigues⁶, em que a banca disse que esperava uma dissertação mais ousada no seu formato final, por conhecerem a pesquisadora. O professor Clóvis tomou a palavra para dizer que ela havia apresentado uma dissertação em formato não tradicional a ele. E que ele não aceitou no intuito de protegê-la das bancas de que estava acostumado a participar e que, portanto, colocassem nele a “culpa” desta questão levantada. Ao final elogiou a banca pelo comentário e elogiou a candidata por sua autonomia e inteligência.

Um olhar do todo, um conhecimento PROFUNDO do humano, do coletivo e das instituições, usado a serviço das artes cênicas e, conseqüentemente, da sociedade. Portanto, uma visão política clara, de quem foi para a guerra, que lhe deixou algumas sequelas físicas, de quem se envolveu profundamente como procurador na elaboração de projeto de casas populares no Estado de São Paulo, da criação do Hospital do Servidor Público (SP), por exemplo. Participou também ativamente da construção do Departamento de Artes Cênicas (e não só de Teatro), da pós-graduação e de toda a estrutura burocrática destas instâncias, sendo chefe e vice-chefe, cargos não muito cobiçados no departamento.

Uma última história que envolve a visão clara do professor Clóvis da relação entre o humano e a instituição. Um funcionário do Departamento foi fechar a sala da “bolacha”⁷, na qual o professor Clóvis ministrava as suas aulas de psicodrama, encontrou um casal discente mantendo relações sexuais. Sem saber como proceder, foi falar com o professor Clóvis que, ao ouvir o relato, respondeu que, se hipoteticamente chegasse

⁵ Tive a ajuda dos então alunos René Piazzentin, aluno do CAC na direção antes da minha interferência, e Eduardo Leão, aluno do CAC, e Roberto Leite, aluno da EAD, ambos na atuação.

⁶ Ver em: <https://repositorio.usp.br/item/000729900>

⁷ Em uma das salas do antigo edifício do CAC havia um tablado redondo, de uns 30 cm de altura, que ocupava quase toda a sala. Cabia em volta algo em torno de 15 cadeiras. Moreno, criador do psicodrama, usava este tipo de palco em seu Teatro Espontâneo. O professor nos orientava a se posicionar de pé ao lado do palco, como código de que iríamos entrar em cena e, só depois, poderíamos entrar (de qualquer lado).

ao seu conhecimento atividades inadequadas no uso das salas do departamento por discentes, teria de abrir uma sindicância e que poderia resultar na expulsão das pessoas envolvidas. Em seguida, voltou a perguntar ao funcionário sobre qual assunto ele gostaria de conversar e obteve a resposta que não era nada importante.

Todos esses valores do professor Clóvis me influenciaram como professor da USP nestes quase 32 anos. Desde que entrei, trabalhei desde o primeiro dia na burocracia, fiz parte das diversas comissões oficiais, como do Conselho Departamental, representante do departamento nas Comissões de Graduação, de Informática e de Comissão de Cultura e Extensão da ECA. Dessa última, em que estou desde o início dos anos 2000, fui seu presidente por oito anos, além de Coordenador do Programa Nascente⁸, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da USP, por oito anos. Também ajudo os(as) professores(as) que ocupam estes cargos e que me pedem. Além disso, sou parecerista da PRCEU, em especial sobre os temas relacionados à arte.

Além da parte burocrática, dou continuidade a alguns temas caros ao professor Clóvis. Como professor, ministro disciplinas de Mímica e Práticas de Rua, ambas com caráter popular. Como pesquisador, estudo a mímica, a linguagem do teatro popular e a grupalidade, a partir do psicodrama. Como orientador, priorizo as linguagens populares, entre elas a palhaçaria, a contação de história, a mímica, além de orientar eventualmente importantes áreas de conhecimento em que não temos especialistas no tema.

Trago esse legado dele de respeito ao dinheiro público, a consciência ética no lidar com o bem público e, não menos importante, de que trabalhamos para a sociedade e não para o mercado.

Sua atuação no CAC⁹, como professor e como gestor, e no programa de pós como orientador, foi resultado de muito estudo, pesquisa e, principalmente, colocar em prática no cotidiano os princípios estudados e de forma inovadora. A visão de grupo, que o psicodrama propõe, a visão decolonial, pelo estudo do folclore, a visão do todo, característica de quem estuda o espaço cênico, a visão social e política de alguém que fez do estudo do direito um instrumento de melhoria social, mostram o lado inovador. E tudo isso talvez seja apenas algumas das características do professor Clóvis Garcia.

⁸ Ver em: <https://prceu.usp.br/programa/nascente/>

⁹ CAC é a sigla do departamento de Artes Cênicas, mas inicia com o C por ser esta a sigla da ECA. Mais uma herança dele, saber até o significado das inúmeras siglas da USP.

Acredito firmemente que ele colaborou para o desenvolvimento profissional de seus orientandos(as) de maneira a ampliar e consolidar seu próprio campo de atuação com respeito e aprofundamento acadêmico, desenvolvendo a capacidade deles(as) de reflexão e ação, a partir tanto da teoria quanto da prática.

Ah! Eu organizei todo o material necessário para que ele recebesse merecidamente o título de professor emérito!

Por fim, agradeço e reconheço no prof. dr. Clóvis Garcia uma pessoa que contribuiu de forma fundamental para o meu desenvolvimento como professor, pesquisador, orientador, funcionário público e cidadão. Em relação às partes afetiva e pessoal, estas são só minhas, e só posso dizer... Muito obrigado!